

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 30 de Dezembro - 1926

5 TOSTÕES



sempre **fixe** *serviço humilhado* **34**

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 87

Ao mais "fixe,, dos artistas



Francisco Valença, o "Napoleão,, da caricatura portuguesa



Os ditos da semana



Francisco Valença, gordinho corado, cor de rosa, como um pucarinho de barro é, sem duvida, o melhor caricaturista do *Sempre Fixe*, onde tem feito tantas paginas de honra, que a de hoje, marca bem uma merecida, particular e confidencial consagração.

Valença, embora o apelido o diga raiano, é portuguez, portuguez de lei, contrastado na pia do baptismo, com a mais viva ironia, que é possível fantasiar com a fantasia das mil e uma noites... Nenhum politico lhe tem escapado, nenhum acontecimento, nenhum artista, nenhuma mulher bonita, e até mesmo feia. O seu lapis é uma maravilha de dessiccação, de evocação e de condenação. Francisco Valença é o continuador de Rafael Bordallo. A sua caricatura é desenho, é arte, é, principalmente, vida, oportunidade, incidente.

O *Sempre Fixe* que lhe deve muito, não se julga pago com a pagina de hoje.

A amizade paga-se com a amizade. Valença, amigo! Um abraço! Um aperto de mão! Mais caricaturas e mais legendas, as legendas que só você sabe fazer: sinteticas, luminosas, lapidares sob um desenho de mestre, que são todas quantas saem do seu lapis prodigioso e magnifico.

Até ao juizo final da caricatura, Valença! Quando entrarmos na barca de Charontô lá nos encontraremos todos. Optima oportunidade para irmos de cambulhada para

o Inferno fazer o *Sempre Fixe* dos nossos e dos seus pecados.



Quando vimos chegar o fim do ano temos um *ai*: de alivio, mesino que o intestino funcione normalmente. Estamos livres dos 365 dias de 1926, que nos puzeram sal na moleirinha. Quem sabe? Talvez que o 1927 seja, em tudo, um respeitavel cavalheiro, de aqueles que anunciam no *Diario de Noticias* as suas boas intenções a menina de prestimo e de bons sentimentos, -- pronto a entregar ao nosso paiz um churado dote de milionario.

O contribuinte, porém, que votou no sr. Carvalho da Silva, para deputado, põe as mãos na cabeça... Tem que pagar a licença do Lulu, da Lólo, que mora num terceiro andar e fez sentina da escada; a licença de «porta aberta», incluindo os domingos, feriados e dias de revolução em que está fechada; e até a licença de ser portuguez, só para variar de governo, como se varia de cozinheira.

No fim do ano o pol dos

nossos amigos, amigos solidos, incansaveis, que se ocupam da nossa saude, com uma tenacidade de cangalheiros arruinados, é interminavel. Todos, com inexcusable delicadeza, se informam do nosso passadio, por meio dum cartãozinho atrevido, petulante, que não tem azas, mas avôa, por toda a parte, nas algibeiras, debaixo da porta, na rua, em casa, cujo cartãozinho -- como diria o João Verdades -- reza assim ha muitos anos, e com invariavel estilo:

Fulano, segue a profissão, deseja as boas festas a V. Ex.ª

Ficamos babôzos! Ha que recompensar tanto merito, tanta delicadeza, tanta educação. Avança o porteiro, o vendedor de jornais, o barbeiro, o continuo da repartição, que nem de longe conhecemos, porque nunca lá vamos.

Estes insectos resistem a todo e qualquer tratamento amavel de delongas ou qui-pro-quos de empata. Só se matam com pós de gorjetas Keating.

Dois dias depois, constatamos que o porteiro continua malcreado, o profissionalmente malcreado; o carreiro passa a vir mais tarde; o vende-

dor de jornais a trocar a venda pelos desafios de *foot-ball*; o barbeiro a escanhoar-nos mal os queixos, e o continuo a embebedar-se patrioticamente, tão longe como nós do ponto, que ambos desconhecemos. Emfim, continúa a ir tudo num sino. Que o Padre Santo nos valha para 1927.

Querem tirar-lhe a prova para ver o que ele dá? Um, noves fora -- nada; dois e sete, noves fora -- nada. Ficamos com o um, para o resto do ano, retorcidinho como uma figa de unicornio.



The Chicago de Defender, jornal norte-americano inventou que o nosso almirante Gago Coutinho é preto.

O heroe da travessia aerea do Atlantico, interrogado pelo *Diario da Tarde*, não se fez branco... nem teve vergonha de ser preto.

Ficou na meia tinta, orgulhosamente!

Tambem o jornal... Ora Chi... cagol



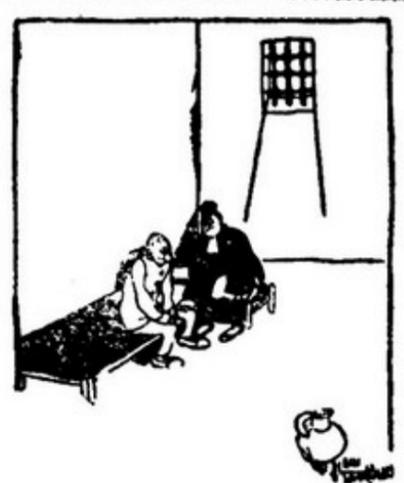
Ha alcunhas que assentam como luvas de pelica. Ha um artista muito conhecido, e quasi celebre, cuja pera altiva, corpo aprumado, gravata à Lavalère tornaram uma das figuras caracteristicas de Lisboa. Tão caracteristica que já o alcunharam, respeitosa, de *Valete de copas*.

FELIX CORREIA

O "grande criminoso", a ferros no Conde d'Andeiro Palace...



... por ter rachado um "Pires"!!



- Se quere que o defenda, e preciso que nos diga toda a verdade.
- Accito! Digo-vos toda a verdade... menos onde está o dinheiro.



O dono da casa: -- Quando é que nos dá o prazer de jantar novamente conosco?
O convidado, que juntou muito mal: -- Agora mesmo...

3 CIDADES

Ade, Sacra e Lumina

O *Diario de Noticias* está envolvido numa grave questão com Mussolini, porque este lhe exige uma indominação ou as três cidades Ade, Sacra e Lumina que, tendo aparecido nas colunas do nosso colega, se perderam desde o Bairro Alto até à Italia. Por mais que os fascistas italianos procurem no seu territorio as três, por certo importantissimas cidades, não ha maneira de as encontrar e queixam-se de que o *Diario de Noticias* as extraviou.

Se o nosso matutino colega não fosse um órgão inteiramente acreditado na imprensa universal, e não tivesse, como costuma ter muitas vezes, um embaixador em Roma e Fiume, a Italia não se teria preocupado grandemente com o acontecimento, mas dado o crédito de que goza, o caso toma maior vulto.

Historiemos como as coisas se passaram. O Bispo de Moçambique que tem, como todos os Bispos, segundo a lei canonica, de ir a Roma, pelo menos uma vez na vida, partiu ha dias para a cidade eterna, que a igreja considera como a porta do céu, e por isso aquela peregrinação se chama em latim: — *ad sacra limine*, que é como quem diz — *aos sagrados limiares*. Isto, como o leitor está vendo, vem a proposito, mas naturalmente nada tem com o caso.

O *Diario de Noticias*, porém, noticiando a partida do Bispo, acrescentou que Sua Reverendissima, visitaria tambem as cidades de Ade, Sacra e Lumina. Aqui ardeu Troia, porque Mussolini, exige que o *Diario de Noticias* lhe entregue as três cidades, que os italianos não são capazes de encontrar na Italia, nem nos mapas de qualquer outro país.

Efectivamente, uma nação não pôde perder assim, sem mais nem menos, três cidades tão importantes, que até os Bispos estrangeiros fazem viagens extraordinarias para as visitar.

Na Italia faz-se actualmente uma campanha nacional, aparecendo em grandes parangonos, na imprensa este suggestivo titulo: *Salvemos as cidades*.



—Olha, se eu tivesse a certeza de ter os meus dois litros em cada dez quilometros, não me ralava nada de fazer o caminho a pé...

BRISTOL CLUB DANCING
O MAIS ELEGANTE

NOTAS DUM PAPÁ

O MEU MENINO

O meu Menino — não desfazendo no poema do sr. Bourbon e Menezes — é uma das melhores obras que tenho feito em toda a minha vida.

Ha quem tenha apanhado uma febre tifoide, sarampo, uma facada ou um tiro de... dois mil escudos. A mim succedeu-me coisa pior: Sou pai dum menino traquinas! Bonito, não desfazendo eu mim, no leitor e no Rei como meu filho chamado Fernando (cognominado o *Formoso* porque, segundo o historiadores, este monarca ora uma beleza de homem) dizem todas as pessoas que o conhecem não poder ser bom porque tem aquele nome.

É uma mania como outra qualquer. Ha quem tenha a do coleccionar todas as cédulas que até ao presente têm circulado no País...

Com três anos de idade, possui uma intelligencia que medida aos centímetros atingiria o comprimento de algumas centenas de metros. O meu orgulho por este facto é tanto maior quanto é certo que a minha intelligencia (amalgama de cerebro, cerebello, bolbo raquidiano, areia, estôpa, borsina, fosforo e outras materias infamaveis) não vai além de vinte e dois centímetros e meio, comprimeu-to este que, embora pequeno, envaidece os outores do original português que sou eu, pois que existem individuos cuja intelligencia nem tanto mede.

O meu Menino, fruto delicioso duma arvore inscrita no Registo Civil e regada com a agua benta da Igreja, denominada Matrimonio, é o meu enlevo, de minha cara-metade, de meus Pais e mais familia, inclusivé da minha Sogra, que, caso raro e digno de louvor em portaria no *Diario do Governo*, é tão excelente pessoa que comigo em tudo concorda, talvez pela razão de eu nunca lhe dar corda.

Como todas as crianças filiadas no Club *Traquinas*, comete actos que provocam sorrisos ou então uma descompostura com acompanhamento de *Jaxeband'acoite* que ele traduz, apontando a perturbancia trazeira, como sendo uma grande gaita que sem dó em si o obriga a fazer com açoites por todas as bandas.

E atiradiço para as pequenas da sua idade. Se alguma lhe aparece com algum brinquedo que ele cubiça e que ela lhe nega, atira-se á garota... e arranha-a.

Considerando que é uma insolencia um rapaz atirar-se descaradamente a uma menina, transformo o meu Lar em *Tribunal dos Pequenos*... Delictuosos, armo em dr. João Eloy o condono o insolente a uma multa nunca inferior a... uma duzia de açoites, obrigando-o em seguida a indemnizar a *demoiselle* com alguns ternos beijos.

É uma excelente ideia e só lamento que o dr. João Eloy não siga este exemplo.

A sua desmedida intelligencia fá-lo praticar gestos que muitas vezes me

levam á convicção de que o seu futuro será o de um homem do Estado e não, como eu, um homem do estado... financeiro muito precario.

Tem preponderancia para *troca-tintas* e umas vezes dá indicios de grande Conservador pelo instinto de conservação com que foge a um par de açoites, outras de acérrimo Extremista pelos extremos a que chega para adquirir qualquer objecto de seu agrado.

As ideias avançadas seduzem-no tanto que está filiado — com isenção do pagamento de cotas — na collectividade *C. G. T.*

Escusado será dizer que *C. G. T.* neste caso significa *Club dos Garçotos Traquinas*...

Como eu, tem a mania de escrever e é natural que dentro de poucos meses, para me imitar, publique um livro de versos em estilo ironico... e pagão. Mas enquanto esta nova ironia não vê a luz da publicidade entretém-se a escrever pelas paredes, ainda ha poucos meses pintadas a oleo e actualmente bastante combalidas em consequencia do susto que tiveram com o abalo sismico ocorrido em 18 de Dezembro.

Este fenomeno não é de admirar porque todos sabem que as paredes têm ouvidos e as da minha habitação ouviram aquelo ruído proveniente do tremór de terra e que uns afirmaram parecer dum automovel, e outros dum aeroplano. Provavelmente não ora duma coisa nem noutra, mas sim o ruído identio no produzido por um dos inumeros submarinos que fazem parte da nossa formidavel Esquadra!

Muitas vezes receio que o meu Menino perca aquela inclinação para a Politica e se dedique á Literatura, pois como todos sabem é uma maneira horrorosa de morrer de fome.

Este suicidio lento, escolhido por meu filho, causar-me-ha desgosto maior do que o sentido pela minha esposa quando o merceeiro lhe disse que as batatas, por causa do abalo de terra, tinham aumentado... de preço.

Para desmentir, porém, este mau presentimento, o meu Menino demonstrou agora mesmo que a Politica o continua a seduzir.

Assim, enquanto escrevia estas linhas, foi á minha estante, tirou de lá o 4.º volume da *Histoire des Girondines*, de Lamartine e tentou destruir-lhe a capa.

Como era um crime de lesa-historia e uma falta de respeito para com o sr. Lamartine, lembrando-me que estavamos em Ditadura, transformei-me em general Carmona e pegando no pequeno anarquista dei-lhe quatro açoites no sitio onde as costas mudam de nome.

E como são dez horas da noite, em vez de o mandar para a Guiné... desterre-o para a cama que, como a ferida Colonia, é parte quente...

ROCIX



!! Não queira ficar assim !!

USE a **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8900

Deposito — VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA

PROSA DE CHA... VELHO

Anedoctas

taupomaquias

Lidava-se em Cadiz um touro mais negro que a esperança dum pobre, que é das coisas mais negras que se conhecem, e devia matá-lo um espada com mais medo que *El Gallo*, que é tambem dos toureiros com mais medo que se conhecem.

Dava o espada ordens inumeras aos seus peões para o levarem dum ponto para outro da praça, quando um espectador lhe perguntou que esperava para matar o touro de negro pelo...

—«Que la salgan canas», que é o mesmo que dizer que esperava que o touro tivesse cabelos brancos; lhe respondeu o medroso matador, que continou dando ordens aos peões terminando por mandar que o puzessem do lado sol.

Tornou o espectador a perguntar que esperava, e desta vez respondeu o espada, vendo que o touro estava no sol, que nesse dia era escaldante:

—«Que se derrita», ou seja que agurdava que o animal se derretesse!

Cansados os peões, tanto como os espectadores, exclamou um deles farto de ouvir ordens:

—«Pero, onde lo quiere usted, maestro?»

—«Onde no lo vea, Y se acabó». — nando a espada, a muleta, o touro e disse o «diestro» «sinistro», abandonando a praça.

* * *

José Muñoz, «El Pintorcito», hoje moço de espadas de D. Antonio Cañero, tentou ser toureiro, e foi durante algum tempo, bandarilheiro da quadrilha de Páco Madrid.

Convencido de que o não chamava Deus por aquele caminho, aceitou o lugar que lhe ofereceram para «amarero» dum casino, e dizia aos que lhe perguntavam o motivo da troca de profissão:

—«Como de toureiro nunca ouvi palmas, escolhi este officio, em que não sirvo um copo de aguas, sem ouvir palmas».

* * *

Encontraram-se, ha poucos dias, numa taverna de Cordoba, varios toureiros, entre os quais o picador «Terremoto», cuja brutalidade e ignorancia excede tudo que se possa imaginar.

Tanto falaram de touros e toureiros que um frogue anti-taurino perguntou indignado a «Terremoto» se conhecia Ramon y Cajal, ao que o nosso picador ignorando a existencia do sabio espanhol, respondeu:

—«Ramon y Cajal? Será algum bandarilheiro matador, desde luego, no lo es».

* * *

Foi tambem o «Lávi» que, toureado em Bayona, perguntou como se devia «dirigir», em francés ao Pradirente para lhe brindar, e a sua mulher e filho, a morte do touro. Disseram-lhe que o tratamento era de «vous» e o «Lávi» brindou:

—«Brindo por vós, por la señora de vós y por el vusito chico».

E como os franceses se rissem, exclamou colérico:

—«Me ca... eu todos los estrangeiros que estan en esta plaza».

E como os unicos estrangeiros que ali estavam eram os espanhóis, foram então estes os que protestaram contra o gesto que atingia o proprio «Lávi».

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

BRISTOL CLUB DANCING

O UNICO SEMPRE EM FESTA

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Morreu André Brun! Não é preciso que o sol dos mortos ilumine o seu nome ou a sua obra, para que elas se destaquem vivamente, em mancheias de sol e de sorriso. Aquele sol que era o seu optimismo, aquele sorriso que foi o seu triunfo. Brun foi um amigo do *Sempre Fixe*, embora não fôsse, com tanto pena nossa! um dos colaboradores me's *fixes*.

Tinha uma prosa verdadeira, genuína de *blague*, caustica de observação, retinindo graça a toda a hora, como um bom relógio de repetição.

—Brun, uma crónica!

E André Brun escrevia, sorria, vivia os tipos do Condado do Redondo, da «Visinha do lado», da «Maluquinha de Arroios», do «Pinto Calçado». Eram todas tão simpáticas, tão alegres, como se andassem ás voltas com a *Taluda*. São de todos os tempos, são a verdadeira consagração dum escritor, que vive ainda, que viverá sempre, pela sua graça, pelo seu humor, e pelas suas «bontades».

■ ■ ■

O Trindade anuncia para breve uma peça franceza, intitulada *Garçonne*. Discute-se o acontecimento entre gente grauda de teatro.

—A peça será boa?

—Dizem que sim.

Um terceiro, com ares de entendido:

—Tem muita graça. Por isso é que lhe chama a gra... çonne.

■ ■ ■

Entre autores:

—Consegues ganhar a vida só pela pena...

—Facilmente.

—Escreves revistas?

—Nem sempre. De quinze em quinze dias passo revista aos amigos que ainda tenho, e encontro sempre um que me empresta dinheiro...

—E' curioso...

—E' simples. Ameaço-o com a leitura duma peça em cinco actos, ou duma revista em dez quadros. Ante a ameaça nenhum hesita.

■ ■ ■

—A ultima vez que estava a representar puz tanta emoção na scena do envenenamento, que fiz desmaiar um espectador.

—Algum labrego, aposto!

—Qual! Foi o agente da companhia, que tratou do meu seguro de vida.

■ ■ ■

Duas actrizes de revista, muito modernas, cabelo ultra Rudolfo Valentino, cigarrilhas em braza, comentam favoravelmente — o que é raro — uma colega.

—E' deliciosa. Muito bonita. Tem um palminho de cara seductor.

A outra, atenuando o entusiasmo:

—Pois sim, mas tem um defeito. E' excessivamente feminina...



OS TRES AUTORES DA REVISTA "SEMPRE FIXE"

O PROLOGO

«Sempre Fixe» não é este, nem aquele, nem ninguém, duma maneira geral: — Norte a sul, este a oeste; p'ra cá do mar ou d'além, — «Sempre Fixe» é Portugal!...

Representado p'lo povo, sem mais ambições na terra que o pão nosso, adormeceu... Ibr'u, per fin, um sol novo: — «Sempre Fixe» foi á guerra, mostrou bravura e venceu!

Da tremenda convulsão surgiram dificuldades e, «Sempre Fixe», indulgente, — deixou as terras de pão; encheu as grandes cidades; emigrou esp'rançado e crente!...

Ides vê-lo, simples, bom, desiludido, talvez, mas sempre alegre e contente; desconhecendo o bom tom; mulherengo, português, «Sempre Fixe» eternamente!

SILVA TAVARES

O *Sempre fixe*, que é um menino, que, embora não tenha um ano, já anda muito direito, fala todas as linguas, e não préga partida aos leitores, — aquelas partidas inerentes aos cueiros — tem a honra de cumprimentar o seu novo mano, que nasceu em dia de Natal, ali no Parque Mayer.

A mamã do menino *Sempre Fixe* revisteiro são os autores que o amamentaram com acrisolada devoção, dando-lhe as suas entendidas luzes de espirito, graça, e boa poesia.

O pai—é o Antonio de Macedo. Padrinho de crisma e assento — o Pedro Bordalo. E parceiro — Rosa Mateus, o *metteur-en-scène*.

Mano com mano fazem bom pano. Esperamos que o recém-nascido se desenvolva pelo ano fóra e chegue até ao Natal de 1927, livre de maleitas, sobretudo, de qualquer garrotinho maligno.

■ ■ ■

Carlos Amaro não gostou do *Homem e os seus fantasmas*. Desancou Lenormand, de alto a baixo, num jornal de Lisboa.

—Porque seria? — interrogam.

—Não preguntes, menino — responde uma actriz. São questões particulares entre ele e Lenormand.

■ ■ ■

O amante para a «estrela»: —Só me abraças quando precisas de dinheiro.

Ela, sorridente e amavel:

—Que Deus me abençoe, queridinho. Ainda estamos a seis dias do fim do mês e já hoje te abracei quatro vezes.

■ ■ ■

Anedocta contada por Bernard Schaw:

—Representava-se uma peça minha, quando um dos carpinteiros do respectivo teatro foi pedir ao empresario aumento de salario. Claro que o empresario negou o aumento, fazendo ver ao reclamante o pouco trabalho que tinha. E como argumento final:

—Tanto ma's que você todas as noites vê a peça do sr. Bernard Schaw, sem dispensar um vintem.

—E' exactamente por esse sacrificio, que me julgo no direito de pedir aumento de ordenado.

■ ■ ■

A peça de Ramada Curto, que está em scena, no Ginasio, alcançou um grande exito, logo na primeira noite.

Houve logo quem dissesse:

—Isto não é o *Caso do Did*, é *Caso*... para todos os dias.

■ ■ ■

—Então tu agora és actor?

—Que queres, não posso ser outra coisa.

O Homem das 5 horas

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado de S. Paulo

MOTE

Tem S. Paulo a primazia
onde a Moeda faz dinheiro...
tambem tem o meio dia
na loja do Carroeiro...

GLOSAS

Dos bairros da Capital
S. Paulo tem o seu fado
o molde velho traçado
pelo Marquez de Pombal.
Tem os banhos do Arsenal
e sobre a sua arcaria
duma sobra engenharia
passa a Rua do Alecrim,
como não ha outro assim
Tem S. Paulo a Primazia.

E' S. Paulo mais feliz
porque tem perto o mercado
e tem, para o acalorado
o antigo chafariz.
Foi ali, quando Deus quiz,
o quartel do Aguadeiro,
tem a torre e um sineiro
além da rua tão rica,
que até lá tem gente *oá bicar*
onde a moeda faz dinheiro...

De manhã vés ás varinas
com canastras carregadas
em miudinhas passadas
num vai-vem muito ladinas.
Ouves tocar a matinas,
que o bom cristão desafia
E as horas na torre esguia,
verás, se és observador,
que o já velho mostrador
tambem tem o meio dia.

Bairro que, para admirá-lo,
o gaz da vista expande,
s: atí tem um Campo Grande,
colega do «Gargamalo».
Se uma partida d'estalo
lá quizer's fazer, lampeiro,
ou apanhas c'um fueiro
ou com a resposta chóras...
basta ir saber as horas
na loja do Carroeiro...

JOSE BARBOSA



—O selvagem—Que ideia a sua
de nos civilisari Quem lhe ensi-
nou a dançar o "Chariston, não
foi a nossa compatriota Josefina
Baker?...

BRISTOL CLUB DANCING
O MAIS ELEGANT!

Historias antigas restauradas

O MEDICO DISTRAHIDO

Garcez Lopes, mais conhecido pelo dr. Lopes, era o homem mais distraído que Deus deitara a este mundo.

Um dia, para se distrair, resolvera tirar o curso de medico e de distração em distração ao fim de cinco anos defendia a sua magnifica tese intitulada: «Dos enganos vivem os escrivãos e morrem os doentes», tese que lhe valera vinte valores, uns dizem que por engano, outros, por estarem os lentes distraídos a contar historias enquanto ele fazia a sua sabia dissertação. Mas, seja como for, o facto é que Garcez Lopes, graças á qualificação alcançada, curso terminado é consultario alugado rapidamente se collocára entre os primeiros «Esculapios» da nossa terra.

Ambicioso e seguro de que uma infalível «Mascotte» o acompanhava, breve deixou a medicina pela cirurgia, por esta ultima ser mais rendosa o que lhe fora amplamente demonstrado no dia em que tendo resolvido jogar na alta e na baixa dos papéis de crédito, conseguira ganhar muito dinheiro com meia duzia de operações de bolsa.

Mas nem tudo eram rosas, para o nosso dr. Lopes, As suas repetidas distrações, causavam-lhe de vez em quando alguns sérios aborrecimentos. O mais grave dera-se no dia em que, tendo de operar um doente, dum a caso agravado no joanete do pé esquerdo, se distraira e lhe cortára o braço direito. O doente ao voltar a si, vendo que a sua desgraça era tão grande que nem ao menos podia levantar as mãos ao céu, puchou da mão que lhe restava e deu com ela duas fortissimas bofetadas no nosso amigo Lopes, bofetadas de que ele nunca mais se esqueceu; nem nos momentos das suas maiores distrações. Enfim, bofetadas foram elas que daí em diante o celebre operador passou a cortar os braços aos pares.

Mas o caso mais picaresco da sua gloriosa carreira, vamos passar a contá-lo.

Estava o dr. Lopes de serviço no hospital, o que era uma das suas melhores distrações, a fazer sorridente muitas e variadas operações quando ao reparar-se para se retirar o enfermeiro o advertiu de que ainda faltava o doente da cama n.º 12.

—Bem... que venha o doente da cama n.º 12.

Rapidamente foi a vitima estendida sobre a marquezia, mais rapidamente ainda o nosso medico lhe abriu

a barriga e lhe tirou do interior diversas peças do mecanismo humano, que a natureza lá puzera por engano. Depois arrumou a casa, como ele costumava dizer, fígado para a direita, coração para a esquerda, coseu a abertura e mandou retirar o doente da cama n.º 12. Mas ao lavar as mãos deu por falta dum anel, e foi um berreiro.

—Estas minhas distrações... Lá deixei ir o anel na barriga do operado... Vamos depressa... Tragam-me o doente da cama n.º 12.

Rapidamente foi a vitima estendida sobre a marquezia, mais rapidamente



—Estava o dr. Lopes de serviço no hospital...

ainda o nosso medico lhe abriu a barriga e com um ahl de satisfação retirou de lá o anel que mostrou aos ajudantes. Depois coseu de novo a abertura e mandou retirar o doente da cama n.º 12. Mas ainda o pobre paciente no tinha entrado na enfermaria já o dr. Lopes berrva na sala das operações:

—Falta-me uma tesoura, vamos depressa... tragam-me o doente da cama n.º 12!

Rapidamente foi a vitima estendida sobre a marquezia, mais rapidamente ainda o nosso medico lhe abriu a barriga e com um ahl de satisfação mostrou aos ajudantes uma tesoura, que por distração deixára no interior do desgraçado.

Depois, pegou na agulha e na linha e preparava-se para coser de novo a barriga do doente da cama n.º 12, quando este lançando-lhe um olhar langoroso e triste, lhe disse com uma voz quasi apagada:

—E' melhor pôr uns botões...

Os Restauradores
LINO FERREIRA e AMARELHE



sempre
fixe

Deseja boas festas á Censura
e a toda a sua Ex.ª Commissão

Desde já não agradece os
cortes que lhe fizem no novo ano

VARIAS MAXIMAS

DE

GUSTAVO LE MAU

vertidas

por José Cacho

Ha juizes que defendem a sociedade. Mas ha tambem outros que apenas se preocupam em defender a sociedade.

Um espanhol que me ouviu esta sentença exclamou:

—Sociedad! Muy bien! Por lo socia que es...

* * *

Se tiver um filho, tratarei primeiro de me certificar da sua semelhança comigo. Se for parecido, farei dele tudo menos jornalista. Se não for parecido, abandoná-lo-hei á sua sorte de filho... desprotegido.

* * *

Ha mulheres que começam pelo lódo, passam pela via sinuosa e acabam nas estrelas. Chama-se a isto capillaridade — ou mais vulgarmente os alcatruzes da sorte.

* * *

Só ha uma coisa pior que a licença. E' a má ditadura. Nisto estão de acódo os amigos Maurras e o meu adversario José do Vale...

* * *

Por toda a Europa, se anda apregoando a necessidade de criar uma policia de costumes. Tenho sérias razões para temer a qualidade desses costumes...

* * *

A diferença que ha entre um politico e um canario é que este quando não canta come — e um deputado só canta quando não come.

* * *

A taluda definida por aficionado:
—Trata-se dum sorte... do costas — de costas para a gente.

* * *

O melhor empenho para um empresario é uma divette. O melhor empenho para uma divette é o Pelica.

* * *

Dizem para aí as más lnguas que o jogo vai acabar.

Já estamos daqui a ouvir os apitos dos comboios...

* * *

Qual é coisa qual é ela que quanto mais se lhe bate mais se entranha?

Esta adivinha tem duas respostas. Se se trata dum pessoa inteligente, é uma ideia.

Se se trata dum pires qualquer — é um prégo.

* * *

Numa época em que os patifes triunfam, não é de admirar que as pessoas de caracter vão para a cadeia.

Chamava-se a este fenomeno, antigamente, inversão social. Hoje, chamam-lhe — um figo...

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

CANTIGAS DE CEGO

A SE DO PORTO

MOTE

Vai ter um relógio enorme
a Sé, Catedral do Porto!
Que tome tento quem dorme
porque acorda surdo ou morto.

J. BARBOSA (J. OR)

GLOSAS

Nesta cidade tripeira
Vai dar-se uma inovação
que ha-de causar sensação
por via da barulheira.
Gente casada o solteira
militares de uniforme
diz que tudo está conforme
com o que mais se deseja
porque a Sé, sobre a igreja
vai ter um relógio enorme.

A' primeira badalada
os surdos ficam ouvindo
e o som forte, retenindo,
deixa a gente ombabocada.
E, assim, fica assinalada
p'lo direito e não p'lo torto,
do ouvido tal conforto
porque, aqui, na nossa terra
dará salvas, como a Serra,
a Sé, Catedral do Porto!

Pela noite silenciosa
de ambiente nebuloso
dará, no timbre pod'roso
a pancada monstruosa
e a gente pressurosa
a pedir quem a informe
daquelo ruido enorme,
com o ouvido a sentir
'tô vê casas a cair...
Que tome tento quem dorme.

Um surdo-mudo velhinho
que o relógio discutia,
jurou que as horas ouvia
junto ás margens do areinho
e, seguindo o seu caminho,
dizia meio absorto
aquelo relógio aborto
quando as horas badalar
ninguém pense em se deitar
porque acorda surdo ou morto.

JOSE CEQUINHO

NOTA — O mote deste fado foi dado por mim a um cego que é celebre no Porto e em todo o País pela sua rara inteligência. Versadíssimo na marcha mundial da sausa social, de uma memória rara, é um dos maiores improvisadores do país.

Estas glosas foram ditadas por tal forma que, escrevendo eu com uma certa rapidez, com dificuldade o fiz.

E' cego de nascença e, no entanto, sustenta propositadamente tais conversas sobre cores e tonalidades que nos esquecemos com quem estamos falando.

Sobre a marcha bolchevique na China, ele aponta o seu avanço e conhece os nomes de todos os generais dos dois campos.

E' vendedor de bilhetes de latria e contratador de bilhetes de teatro. Nunca se engana num troco e, mesmo com a actual diversidade de dinheiro, ninguém o engana...

REPORTER B

Uma representação

dos meninos das nossas escolas

Uma comissão de papás dos alunos de algumas das nossas escolas dirigiu ao *Sempre fixe* a seguinte representação:

...Sr. Redactor.—Os abaixo assinados, constituídos em comissão permanente de vigilância ao crescimento das características notáveis ou por notar dos nossos filhos, cujos, por sua vez, foram entregues á também permanente vigilância dos senhores professores das escolas onde os nossos ditos filhos estão a educar, vimos trazer ao vosso conhecimento, por intermédio da nobre alavanca da Imprensa, de que V. é um digno detentor, o nosso protesto contra o facto de, a coberto com uns aparelhos registradores da competencia e orientadores da profissão, se pretender levar os nossos referidos filhos a seguir na vida determinadas carreiras, verdadeiramente incompatíveis com as justas aspirações e assíduos e custosos cuidados de seus pais.

Queremos referir-nos á terrível influencia que virá trazer para a vida portuguesa a acção dos ditos aparelhos registradores de competencia e vocação que actualmente estão sendo usados pelo Instituto de Orientação Profissional, na observancia das qualidades profissionais das crianças entregues aos cuidados das nossas escolas.

V. não ignora que, se os pais entregam os seus filhos aos rigores do estudo é, como não pode deixar de ser, para que os referidos filhos, mais tarde, possam alcançar uma situação que lhes permita uma vida desafogada, sem as terríveis consequências que traz para a saúde o facto de ter que trabalhar para comer.

Não queremos, de forma alguma, molindrar a competencia das pessoas que se encontram á frente do Instituto, mas tão sómente lavar o nosso protesto indignado contra a existencia dos referidos aparelhos.

Como pode, sr. redactor, uma maquina, por mais bem construída que seja, indicar a um candidato a vocação para ministro, director de companhia ou acionista bancario?

Como pode uma engenhoca (perdoe V. a expressão) apontar a carreira politica a um examinado?

Só V. sabe como são hoje a carreira

politica ou a direcção de Bancos e Companhias—profissões sociais lucrativas.

Ora imagine V. que um dos nossos filhos, preparado por seu pai para seguir na vida a carreira de deputado da Nação, por efeito da resolução ou erro mecanico dos tais aparelhos, deveria ganhar a sua vida como froleiro?

Croia V. que, a continuarem as coisas deste modo e a fim de não desanimar os nossos filhos, preferimos retirá-los das escolas, pois deste modo teremos a garantia de que eles serão mais tarde, na vida, pessoas de situação, que saberão honrar os seus pais.

Esperamos que no vosso conceituado jornal, muito lido por entre as pessoas mais graves e de posição, se intensifique uma campanha neste sentido, para que os aparelhos do referido Instituto não conduzam ao vexame de afrontar os nossos filhos com carreira e profissões verdadeiramente revoltantes e iníquas.

Para V. poder bem analisar a que ponto chega a malicia dos aparelhos, ousamos chamar a atenção esclarecida das colunas do *Sempre fixe* para este caso:

Um pequeno filho dum pai que faz parte desta comissão, é chamado a exame de orientação profissional. Introduzem a criança, por sinal muito bem educada e pertencente a boas famílias, numa sala repleta dos tais funestos aparelhos.

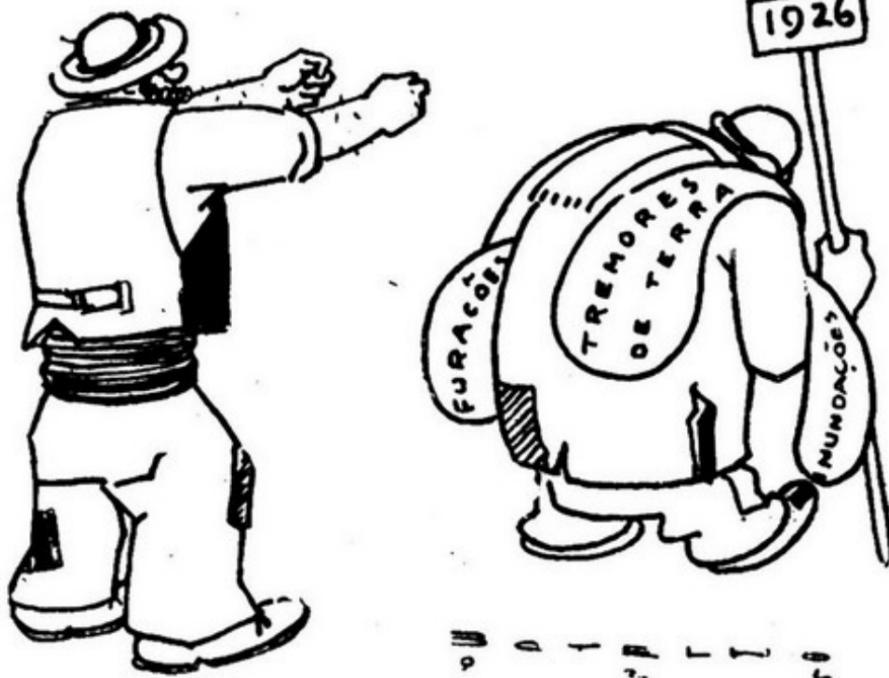
Segundo o esclarecimento dos examinadores, pretendia-se averiguar, pelo interesse da criança, dirigido para determinado aparelho, a sua vocação. Sucede que o pequeno, muito inteligente, muito vivo, imediatamente começa mexendo em todas as peças de todas aquelas tremendas maquinarias.

Pois sabe V. o que decidiram os examinadores?

Como o pequeno mexesse em tudo, afirmaram que a criança daria um esplendido negociante de mexilhão!!

Por esses e outros factos, ousamos exprimir o nosso protesto, certos de que o *Sempre fixe* não deixará de se fazer eco do nosso brado.

A Comissão dos Pais



— Figasi Canhoto! Põe-te a andar que já não é sem tempo.

As botas dos politicos na noite de Natal

Os politicos têm praticado tantos desatinos, têm feito chegar ao céu o eco de tantas birras, que o anjo da guarda, aquele anjinho bom que traz debaixo das asas, os brinquedos que oferecer aos meninos na noite de Natal, pensou e pensou muito bem:

—Coitados. Eles são crianças, e como são crianças, eu devo levar-lhes também alguns brinquedos, descendo pela chaminé.

E se bom o pensou melhor o quis fazer.

Misteriosamente, na vespera do Natal, o anjo da guarda, transformado em espirito santo de orelha, segredou aos politicos:

—Meninos!... Ponham as suas botas na chaminé, se querem ver aparecer coisas...

Os politicos não acreditam em bruxas, nem nos anjinhos da guarda, mas quando o espirito santo de orelha lhes falou nas botas, tiveram um sincero rebate de consciencia.

—Não ha duvida... E' com as nossas botas que nós temos enchido, e temos apanhado coisas... Póde ser... Póde ser...

* * *

Claro está, como estamos em familia, isto não passa daqui. Vocelencias são dos afixos. Os politicos foram lá pôr as botas, á espera da prenda do anjo da guarda.

A maior parte dos politicos não tiveram prenda. O anjo da guarda voltou a enfiar pela chaminé acima apanhado.

Cada um dos pretendentes tinha tantas botas que não cabiam na profundidade dos caboucos dos Bairros Sociais, nem nos navios dos Transportes Marítimos do Estado.

O anjo da guarda, quando entrou no céu, exclamava aflito, junto de S. Pedro:

—Mas que diabo de prenda haviam eu de pôr nos chinelos daqueles meninos?...

* * *

Foi esta a razão porque a maioria dos politicos não receberam brinquedos.

Todavia registaram-se algumas ofertas.

Nas botas de alguns politicos, appareceu um lindo boneco, com cara de homem do Estado.

Ao lado tinha este cartão:
«Tóme lá para o menino brincar».

* * *

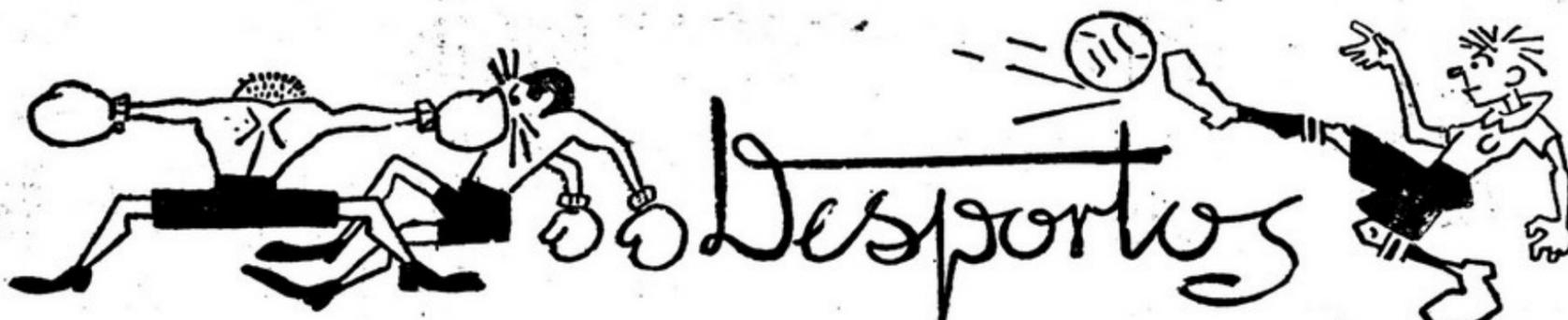
Apesar das muitas botas dos politicos, o anjo da guarda, deu por bem empregada a sua descida pelas chaminés. Entrou no céu a rir.

S. Pedro perguntou-lhe o motivo das suas gargalhadas.

O anjo da guarda respondeu assim:
—Ri muito, quando fui a casa de muitos politicos para colocar brinquedos nas suas botas. A maioria deles, não sabia como as haviam de descalçar...

E. F.

BRISTOL CLUB DANCING
Jan'ar concerto das 10 ás 22 h.



Uma hora antes do encontro entre o grupo húngaro seleccionado pelo sr. Mariano Coelho e o onze português — no campo do Amal ha: sol, frio e moscas...

Diante da bancada central ha muito mais Guarda Republicana do que espectadores.

Mas até á hora do inicio a assistencia aumenta sensivelmente, porque á ultima hora foi resolvido conceder um perú a cada comprador de camarote — e uma bancada central dá direito a uma consoada de bacalhau com couves.

Notados na assistencia: — um brasileiro, dois tenentes, varios cachecols, um amigo com gripe, dois poetas, seis bandeirolas, o sr. dr. Urgel Horta, uma sombrinha verde e amarela ás riscas, meio careca — os carecas são raros no foot-ball — um quartirão de capuchinhos, seis pretos, um negociante do Bolhão e muitos criticos.

Mulheres: poucas — porque se dizia que os jogadores iam com calções de malha.

Enfram os húngaros — de encarnado.

Entre o publico, entusiasmadissimo, ha quem faça apostas em como chove ou em como se apanha carro para a Praça da Liberdade.

Por fim, aparecem os portugueses, de verde, para marcarem bem a qualidade de, *alfacinhas*.

E, para aquecer, fingem que se treinam em atirar ao goal. Afinal, estão para ali a gastar pontapés que depois hão-de fazer falta.

Os dirigentes das suas Federações avançam para o meio do terreno, transportando os tradicionais ramos de flores, com o ar gracioso de quem acompanha um enterro de familia.

Na entrada do cortejo, o arbitro Lloveras, equipadado a capricho, parece disposto a dar uns pontapés na lei IX.

Os teams alinham em frente das bancadas, a um de fundo. E' a applicação da bicha no foot-ball.

Os directivos dizem umas coisas que ninguém consegue ouvir, mas que a avaliar pelos gestos, devem ser muito catitas. Molnar troca o ramo com Jorge Vieira que todo se derrete por aquele madrigal em estrangeiro.

Fazem-se clichés. Um fotografo amador, com um complicado tripé de dois pés, fez poses plasticas para conseguir um instantaneo.

Apesar de tudo, Casóto ficou tremido...

Os nossos escolhem campo com vento a favor — para ficarem com as costas quentes...

E cada um toma o seu lugar: verdes para um lado, encarnados para outro. Afinal é mais um Benfica-Sporting.

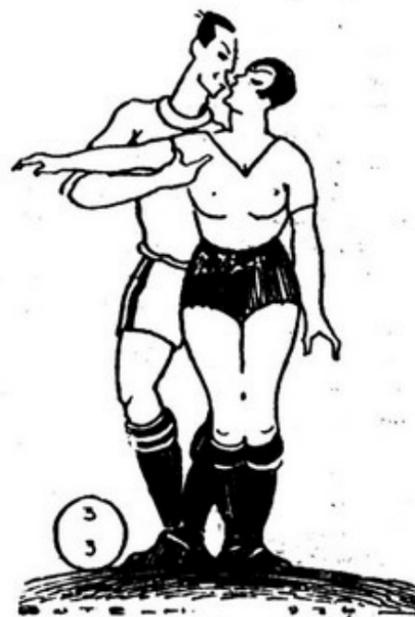
O desafio começou. Foram os húngaros que saíram. Mas Jorge Vieira fê-los entrar, de novo, em casa.

João dos Santos apanha uma torta

O I. PORTUGAL-HUNGRIA

(Entrevista particular...)

—O encontro foi tão bem combinado que até ganhamos os dois...



de Viena, e vai digeri-la para fóra do campo. Volta, pouco depois, com cara de quem enguliu um carôço.

Um corner contra os visitantes, que não resulta por ser muito retorcido.

Figueiredo está admiravel de presença, ao passe aos adversarios.

A bola anda doida. Pontapé da esquerda, pontapé da direita! De vez em quando foge para fóra do terreno, dizendo com os seus atacadores: — *Arre! que são muito brutos!*

A meia hora de jogo o avançado centro húngaro come o Casóto á moda de Budapesth e shoota raso. *Goal!!!*

Hungria: 1 a 0. O meu amigo que está com gripe, tosse desalmadamente.

Severo, a dois metros das rédes, tem um shot fulgurante. Ponto de destino: aguas furtadas.

Faltam cinco minutos para acabar a primeira parte. *Freekick* contra os portugueses. Casóto faz uma defeza de via reduzida e um húngaro que acha que a bola naquele sitio, não serve para nada, enfia-a de recarga nas rédes. Hungria: 2 a 0!!!

O amigo engripado mete um termometro na boca. Marca 39 graus á sombra. Ventos variaveis. Valha-nos Deus!

O intervalo é aproveitado pelos espectadores para esperar pela segunda parte.

O publico, cada vez mais quente,

fuma cigarros e comenta as cotações da Bolsa.

Nos camarotes dos tecnicos multiplicam-se os defectistas.

—«Agora, com os nossos cançados, os húngaros metem um quartirão!»

Alguns, mais assisados, opinam pela duzia — de três...

Os mais patriotas, vão pela meia duzia: de seis e meio.

Chega um alviçareiro com boas novas: — Severo, aproveitando o intervalo, meteu uns pés sobreselentes.

E isto anima as lusas gentes.

Recomeça a faina. Os portugueses teimam á viva força em não sair do campo húngaro, e lá têm as suas razões, porque, logo aos primeiros minutos, cai um *penalty* do céu!

João dos Santos desforra-se da torta de Viena que lhe fizeram engulir logo de entrada, e transforma o *penalty* em *goal*. Hungria: 2 a 1.

Nove minutos depois, um dos pés sobreselentes de Severo, marca outro *goal*. Grande ovação. O meu amigo da gripe, delira — delira com a febre. 2 a 2! 2 a 2!! 2 a 2!!!

Passa-se depois um grande espaço de tempo em que parece que a bola fez mal a alguém, porque assim que ela aparece, só quem não póde é que não lhe bate.

A desgraçada anda de um lado para o outro, fugindo dos pés e das cabeças, até que, dez minutos antes de acabar o jogo, apanha uma aberta e foge outra vez para as rédes húngaras.

rs, julgando que por estar em terra estrangeira está livre de perigo.

Portugal: 3 a 2!

No publico, agitam-se lenços, ha palma, abraços e cartões de boas festas — num engano de alma, ledo e cego, que a fortuna não deixa durar muito.

Porque um minuto depois, o *forward* centro visitante encaixa de novo a bola, no nosso *goal*, mesmo nas bochechas de Casóto. 3 a 3!

Os ultimos minutos são de aperto. Os nossos *backs* vêm-se á vara. Jorge mete uma mão que por pouco não causa sincopes cardiacas. Mas o arbitro resolve tambem dar-nos um presente de boas festas — e não se fala mais nisso...

Finalmente! Acaba o desafio.

3 a 3! 3 a 3!! 3 a 3!!!

Salientaremos:

O juiz — que apitou com muita afinação e sentimento.

E o publico — que não chamou nomes feios a ninguém.

Como mandam as boas praxes jornalisticas, findo o encontro, ouvimos diversas pessoas, recolhendo as seguintes impressões:

Dr. Fodor, presidente da Hungria — Estou contentissimo. Se lho parece...! Quinze mil pesetas! E' o que nós costumamos chamar em húngaro: um *pauser* por um *óthor*...

Jorge Vieira — Isto não póde continuar assim. Não têm consideração nenhuma pelos jogadores. Mandam-nos defrontar estrangeiros, sem nos darem uns cursosinhos no Berlitz ou, ao menos, um interprete. E o resultado é este: eles põem-se a jogar em húngaro e a gente não percebe nada. Para a outra vez só me seleccionam se me fornecerem dicionario.

Dr. Urgel Horta — Estou muito satisfeito com a receita da bilheteira. Uma bela vitoria financeira do Porto. Notou-se um pouco a falta de muita gente que as festas do Natal afastaram da Invicta. Mas a assistencia que, uma hora antes do inicio, parecia diminuta, aumentou depois consideravelmente. Se temos feito serão, acabava por vir o Norte todo.

O arbitro Lloveras — Fiquei radiante com uns *goals* de *Ferreirinha* que meti no intervalo.

Avila de Melo — Têm alguma coisa que me dizer? Ainda eu engatinhava, e já tinha este *match* internacional combinado com o Fodor. Em Roma falei com o Fischer e ele confirmou logo que continuava tudo fixe. E quando fui ao Entroncamento, por causa dos boatos, vi logo que o Fodor era um amigo incapaz de me *fodori-ser*.

Um portuense — Se não fôsse o Casóto, sempre queria ver qual era o resultado! Tenho muita pena que os húngaros se vão já embora no rapido da tarde, porque não fazemos podermos mostrar o Palacio de Cristal!

REBOLA-A-BOLA





CUNHA
— BARROS
1926

CUNHA
— BARROS
1926

— Hoje quasi que vi o meu pae!
— Quasi que o viste?
— Ele não é o policia 99? Pois eu vi o 98.

— A agua é uma das coisas mais necessarias á viticultura.
— Porquê?
— Porque sem ela não tinha vinho que chegasse para a fraguazia.



— Minha mulher tinha medo de tudo que eu não tinha medo.

— Então ela um dia resolveu comprar uma esplendida pistola.

— Depois nunca mais teve medo de nada. Mas é que comecei a fêr medo de tudo.



«Pobres de pobres» — como diria Junqueiro — lá vai o triste cego e o rapaz seu guia, através de montes e vales, num dia de Julho ardente, fazer a sua habitual coheita de esmolas.

— Que boas uvas ali estão a vender, meu tio... — diz o rapaz ao cego.
— Pois vai lá comprar meio quilo. Já levo as guelas muito secas...

— Estás a comer três bagos de cada vez?
— Como pôde «vêr» vomecê, se é cego?...
— Pois se eu estou a comer dois a dois e tu ainda não refilaste...